



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

## Prefácio

Eliane Giachetto Saravali

**Como citar:** SARAVALI, E. G. Prefácio. *In:* MATOS, E. F. de. **Formação em psicopedagogia e docência na educação infantil:** contribuições, contradições e reflexões. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 9-12.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-204-8.p9-12>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# Prefácio

Essa obra, que tenho a honra de prefaciar, nos permite repensar e, ao mesmo tempo, construir novas relações entre a Psicopedagogia e a Pedagogia. E, a partir desse exercício constante, certamente nossos alunos serão beneficiados.

A Psicopedagogia é uma área de conhecimento e pesquisa, bastante controversa em nosso país. Ao mesmo tempo que temos um grande reconhecimento social da função e do exercício do Psicopedagogo, a luta pela regulamentação da profissão se arrasta por anos nas instâncias oficiais.

Muitos discursos são bastante equivocados, uma vez que confundem a ação do Psicopedagogo com a do Pedagogo, ou, a do Psicólogo, estabelecendo-se um jogo de poder e afirmações sem sentido. Ainda, percebe-se que as próprias caracterizações do Psicopedagogo – clínico ou institucional – também são pouco compreendidas.

Longe (ou perto) desse imbróglio, estão as crianças – sujeitos da aprendizagem – com suas potencialidades, dificuldades, sucessos e insucessos. Quem poderá, então, ajudá-las?

Vamos guardar essa pergunta para logo adiante.

De que forma temos encontrado as escolas e os professores em relação aos alunos que apresentam dificuldades para responder ao que lhes

<https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-204-8.p9-12>

é colocado em sala de aula? O leitor há de concordar comigo que, diante do número de encaminhamentos realizados pelos professores, das sugestões de necessidade de medicação e acompanhamentos de toda ordem – podemos dizer que temos uma “pandemia” escolar ou os mestres (e as escolas) são reféns daquilo que não conseguem resolver.

Então, passemos a ver pelo ângulo da Psicopedagogia. Qual seu objeto de estudo? A aprendizagem. Mas, aprendizagem não é um objeto isolado, neutro, é um campo multifacetado, com vários agentes, influências etc. Portanto, conseqüentemente, a Psicopedagogia vai precisar transitar sobre questões que explicam a aprendizagem ou com as quais ela se relaciona.

Assim, quem seria o Psicopedagogo nesse cenário? Aquele que poderia auxiliar a escola, o professor, a família e, claro, o aluno! Com seu olhar e escuta psicopedagógicos, como nos elucidou Alícia Fernández - olhares sobre o *entre*, *escutas* sobre o que não se fala, percepções sobre o que não está posto (mas está ali) – esses seriam os caminhos do Psicopedagogo. E, num país em que a cultura da prevenção pouco se ergue, é na remediação que ele atua, e tanto o faz que é socialmente referenciado.

Podemos então retomar a pergunta, colocada anteriormente – ou mesmo respondê-la – o Psicopedagogo estuda/pesquisa a aprendizagem e é um grande auxiliar ao trabalho do professor. Seja quando está com uma criança, individualmente, em seu consultório, seja quando atua no contexto institucional e colabora com aquele grupo, convidando-o a se olhar, rever-se, repensar-se.

Nesse livro, encontramos o relato detalhado de uma pesquisa que mostra como a formação em Psicopedagogia é retratada por docentes da educação infantil. Sabemos que muitos são os professores que escolhem fazer a especialização em Psicopedagogia, mas o que a autora nos fornece

são dados concretos, a partir de várias entrevistas, a respeito dos motivos e dos impactos dessa escolha.

A partir de tais dados, podemos perceber que os docentes buscam pela formação, querem aprender, querem auxiliar seus alunos. E que avaliam essa formação como algo que os sensibilizou, instrumentalizou, ou seja, trouxe-lhes mudanças.

E é paradoxal esse dado da pesquisa. Mesmo com pouca normatização, o que certamente contribui para o dificultoso processo de regulamentação da profissão, essa formação é muito procurada pelos educadores, que olham com bons olhos para seu conteúdo.

Assim, creio que a leitura dessa obra pode nos ajudar a refletir sobre aspectos necessários da formação de um Psicopedagogo e, também, de um Pedagogo.

Penso que a regulamentação da Psicopedagogia e a definição do tipo de formação que devemos oferecer em nosso país, poderiam contribuir muito para o quadro caótico de queixas existente nas escolas. Isso, para mencionar apenas um tipo de atuação – voltada para a criança com queixas de dificuldade de aprendizagem. Existem muitas outras; quando falamos em aprendizagem é preciso pensar muito além disso!

Talvez estejamos diante de um cenário de luta; ainda há muito o que percorrer.

Particularmente, por falar em luta, é motivo de grande alegria ver uma mulher, que não teve acesso aos estudos no tempo em que muitos (embora nem todos) conseguem ter, persistir por sua formação. Lutar pelo estudo, pela graduação, pelo exercício profissional responsável e comprometido, e por inúmeras outras formações, inclusive a especialização em Psicopedagogia.

Convido você, leitor, interessado no assunto, a desvendar os resultados dessa pesquisa, sem perdermos de vista de que forma podemos melhorar os percursos de nossas crianças e docentes!

*Eliane Giachetto Saravali*

Docente do PPGE, UNESP/Marília-SP.